

O FESTIVAL VISTO DE FORA

Não acreditam em mim

O Festival de Almada congrega os últimos vestígios de um paradigma que nos ajudou a atravessar a parte final do século XX e que, ao entrar no actual, começou a ser questionado, embora tenha sido precisamente em Almada que se apostou na gestão artística apoiada numa ideia política e estrutural que transforma o teatro num bem comum, que se realiza a partir do compromisso com a cidadania, a partir de uma cosmogonia que acumula valores essenciais com um pragmatismo programático que coloca um teatro municipal, com uma companhia e com um festival, no topo da eficácia e do interesse teatral universal.

Vim sempre a Almada para conhecer novos valores internacionais, para rever os melhores encenadores europeus, e para descobrir algum teatro português emergente. Tem sido sempre uma viagem feliz, sempre o momento certo para pôr em dia o que está a ser feito nos melhores palcos europeus. Em todas as vicissitudes económicas e circunstanciais, a resposta do Festival tem sido de um elevado nível artístico.

Nesta edição da catástrofe pandémica, a sua oferta, para alguém que vem da outra parte da Península, tornou-se numa magnífica imersão no teatro português, que mantém um nível de qualidade crescente.

Quando conto o que vi em Almada, noto que os meus colegas não acreditam em mim: pensam que estou apaixonado. E é verdade, mas não estou a exagerar.

Carlos Gil Zamora

Dramaturgo, encenador e director da revista *Artezblai*

ESTREIA

JOÃO MOTA, ENCENADOR DE *AS ARTIMANHAS DE SCAPIN*

“O povo não tem de ser velhaco, tem de ter razão”

João Mota fala sobre Scapin com admiração. Para si, “é um filósofo do povo, com sabedorias adquiridas ao longo do tempo”, e é aí que cristaliza a intemporalidade desta personagem e do seu criador. Esta relação com o povo é algo muito próprio do Teatro da Comuna, que desde sempre faz teatro que serve a sua emancipação. “Há uma comicidade no Molière que tem uma importância muito grande – obriga-nos a pensar, não é o riso pelo riso”.

As artimanhas de Scapin é uma peça que nos faz reflectir sobre aquilo que não muda. Sobre a forma como desaprendemos tudo o que julgamos ter aprendido com a História. Peça escrita no século XVII, que mantém toda a sua pertinência, é indicativa do estado de cativo permanente em que vivemos, presos numa sociedade que oprime sempre o mais fraco. “Vivemos uma época em que a grande ideologia é o capitalismo. E está a ser julgado, claro. O Homem mudou sempre muito pouco. O Homem mente muito, aldraba muito, rouba muito, inventa coisas terríveis na própria família para sacar... E esquece-se que o povo, que é o que sofre estas coisas todas sempre, tem sábios filósofos, de aprendizagem diária, da luta contra esse inimigo que é essa sociedade”.

O encenador caracteriza o espectáculo como “uma crítica cerrada ao aparelho burocrático em que vivemos, que continua a ser igual – ou pior ainda” e



João Mota

comenta: “Estamos a esquecer uma coisa muito importante, que é o exemplo. Nós temos de ser exemplo. O vírus nasceu como? E os outros anteriores? Foi exactamente do erro de não sermos exemplo. Foi sempre assim através da História”.

Há múltiplos gritos de liberdade que são, também eles, atemporais. A coragem das personagens evolui à medida que se apercebem de que “a coisa mais importante que há na vida é o amor, a alegria e a liberdade”. Para o director artístico do Teatro da Comuna, “não há liberdade se não houver amor, e não há liberdade se não houver alegria – a junção dessas três coisas é a base da peça”.

A eleição da tradução certa do título (e da peça, por Carlos Drummond de Andrade) também nos diz muito sobre a interpretação que João Mota faz desta comédia, na qual destaca o elogio à inteligência do povo.

“Tem um lado que eu gosto muito, que é o da grande brincadeira, mas uma brincadeira muito inteligente: porque o povo tem uma manha que é a inteligência. Por isso é que eu não chamo “As velhacarias de Scapin” (tradução que também existe) – «velhaco» é depreciativo. O povo não tem de ser velhaco, tem de ter razão”.

João Mota acredita que tudo o que está a acontecer neste momento vai obrigar-nos a mudar muito. “Vamos para outro sítio, mas é preciso estar acordado para ver para onde é que vamos.” Sobre o processo de criação e encenação, disse-nos brevemente: “o Peter Brook tem uma frase de que eu gosto muito: «O método é não ter método». É estar aberto a tudo o que se vai aprendendo e a tudo o que se vai vivendo. É preciso ter um grande método interior para não ter método”.

Ana Sofia Pancada

Festival de Almada no *El País*

“O público regressou, deixem-no passar”, é o título do artigo do enviado especial do *El País* ao Festival, Javier Vallejo, que veio a Almada cobrir o primeiro fim-de-semana do certame: “Sem máscara, cara a cara, enfrentando-se como lutadores de sumo, os protagonistas de *Mártir* representam o Mundo tal como ele era até há uns meses atrás, e tal como voltará a ser o quanto antes, pois não

há pandemia que anule a liberdade humana nem a expressão dos afectos de forma perdurável”, escreveu.

“O Festival de Almada (um município operário situado em frente de Lisboa, na outra margem do Tejo) abriu na semana passada com *Mártir*, de Marius von Mayenburg. Entre o público estava António Costa, primeiro-ministro português. Uns metros ao lado, na Sala Princi-

pal, o presidente Marcelo Rebelo de Sousa assistia à outra sessão inaugural: *Subitamente no Verão passado*, dirigida com pulso melodramático por Carlos Avilez”.

Vallejo reportou ainda que apesar das dificuldades sentidas no início da pandemia, “com o apoio do público e o beneplácito governamental, o Festival avançou” para a sua 37.ª edição.

Últimas vagas para *O sentido dos Mestres*

Existem ainda três vagas para quem quiser participar na formação *O sentido dos Mestres*, que este ano é dirigida por Madalena Victorino e dedicada ao tema *A dança como arma de fogo*. Destinado a estudantes e profissionais de teatro, este ciclo de formação, organizado em parceria com a Share Foundation, iniciou-se em 2013 e tem trazido a Almada criadores como Luis Miguel

Cintra, Peter Stein, Ricardo Pais, Juni Dahr ou Olga Roriz. A formação decorrerá no auditório da Escola D. António da Costa, entre 20 e 24 de Julho, das 15h00 às 18h00. As inscrições podem ser feitas mediante o envio de CV e carta de motivação para geral@ctamada.pt, tendo um custo de 20€ (10€ para assinantes do Festival). Mais informações em www.ctalmada.pt e no Programa do Festival de Almada.



Madalena Victorino

A catarse de voltar ao teatro

Margarida Siva começou a fazer teatro há três anos, num grupo de Almada chamado Cena Múltipla, cujos membros colaboraram em duas peças da programação do Festival. Foi aí que se apercebeu da sua dimensão e do que este evento tinha para lhe oferecer. Enquanto estudante de Estudos Artísticos – Artes do Espectáculo, comprou o passe na esperança de desenvolver o seu espírito crítico, quase como um

complemento à sua licenciatura. Margarida tem acompanhado Eva (que apresentámos na Folha de sábado passado) nas idas aos colóquios e aos espectáculos. Juntas, têm-se emocionado bastante, mas nem sempre conseguem precisar porquê. Sabem que é um misto de identificação com as peças e de comoção por poderem simplesmente estar a assistir. “A arte é tão bonita, tão plena”, disse Eva, enquanto pensava nas primei-

ras sensações, que caracteriza como catárticas, de voltar ao Festival depois do confinamento. “Que incrível que é ter acesso a isto, estar a ver actuações tão bonitas, encenações tão bonitas e cenários tão bonitos”. As jovens reconhecem que se passaram meses difíceis, em que “os nossos estímulos éramos nós próprios”, e asseguram que vir ao Festival de Almada foi a melhor decisão que tomaram este Verão. **S.P.**



Margarida Siva

AGENDA DE AMANHÃ

COLÓQUIO

18:00

Conversa com Luís Vicente

Esplanada do foyer do Teatro Municipal Joaquim Benite

TEATRO

21:00

Future Lovers

Sala Principal TMJB

21:30

Mártir

Sala Experimental TMJB

21:30

As artimanhas de Scapin

Fórum Romeu Correia

21:30

Johan Padan a la descoberta de le Americhe

Incrível Almadense

21:30

Instruções para abolir o Natal

Academia Almadense

RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Caril de salmão grelhado com arroz de coentros
- Roti de porco

AMANHÃ

- Salada de feijão frade com atum
- Fusili com salsichas picantes e cogumelos

FICHA TÉCNICA

Direcção Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição) e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura) | **Tradução** Sarah Adamopoulos e Rodrigo Francisco | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo | **Apoio à produção editorial** Ana Patrícia Santos | 2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

